



**O golpe civil-militar de 1964 no Brasil como um  
acontecimento político mediatizado<sup>1</sup>**  
**The 1964 Brazilian civil-military coup d'état  
as a mediatized political event**

Camila Garcia Kieling<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** golpe civil-militar de 1964; mediatização; imprensa brasileira; imprensa portuguesa.

Muito já se debateu sobre o papel desempenhado pela mídia nacional hegemônica ao longo do golpe civil-militar de 1964. Tema complexo, sobre o qual sobressai um encobrimento (SILVA, 2010) sobre parte das relações entre a grande imprensa brasileira, o golpe civil-militar e a ditadura civil-militar. Essa zona de sombras é resultado, em grande parte, da narrativa produzida e fomentada pelos próprios veículos de comunicação e seus profissionais, os quais abastecem um imaginário que destaca sua resistência frente à censura e pela defesa da liberdade de expressão. De acordo com Barbosa (2007), trata-se de uma questão complexa na qual a tomada da parte pelo todo acaba por produzir distorções: na prática, nem toda a imprensa resistiu à censura, assim como a narrativa heroica garantiu a própria sobrevivência do jornalismo no mercado de bens simbólicos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013-2017). Professora adjunta da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em pesquisa, atua principalmente com os temas: Discurso e Narrativa Jornalística, Jornalismo e Política, Editoração e História da Imprensa. [camila.kieling@gmail.com](mailto:camila.kieling@gmail.com)



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

Deslocando o foco das narrativas e das práticas jornalísticas em si, a questão pode ser analisada como a manifestação de um determinado *ethos mediatizado*: uma “atmosfera afetiva (emoções, sentimentos, atitudes)” caracterizada pela “manifesta articulação dos meios de comunicação e informação com a vida social” (SODRÉ, 2009). Buscamos, neste artigo, analisar as manifestações desse *ethos mediatizado* sobre o golpe civil-militar de 1964 no Brasil por meio das coberturas de jornais representantes dos espaços midiáticos hegemônicos do Brasil (*O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*) e de Portugal (*Diário de Notícias* e *República*). Trata-se de um desdobramento dos resultados de nossa tese de doutorado, defendida em março de 2017.

A gestação do *ethos mediatizado* pode ser compreendida por meio do olhar da História. Nesse sentido, Nora (1979; 1983), ao discutir a questão da especificidade da chamada história “contemporânea” (1979, p. 179), afirma que um vasto fenômeno de democratização da história, derivado de tudo o que se costuma entender por “mundialização” – as guerras mundiais, a rapidez das comunicações, a penetração das economias em escala global – leva a uma “circulação generalizada da percepção histórica” e culmina em um fenômeno novo: o acontecimento” (1979, p. 180). De acordo com o autor, a comunicação de massa desempenha um papel central nesse processo: “Os *mass media* têm agora um monopólio sobre a história. Nas sociedades contemporâneas, é através da mídia e somente através dela que um acontecimento nos atinge e não nos pode escapar”<sup>3</sup> (NORA, 1983, p. 5). Mais do que simplesmente meios de transmissão de mensagens, os *mass media* abarcam a própria condição da existência dos *acontecimentos*. O autor identifica o começo desse fenômeno a partir do último terço do século XIX e cita o caso Dreyfus, na França, como uma amostra da relação de profunda afinidade entre um *acontecimento* e determinados meios de comunicação. No

---

<sup>3</sup> Original: “The mass media now have a monopoly on history. In modern-day societies, it is through the media and through them alone that an event strikes us, and cannot escape us”. Tradução nossa.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

exemplo citado, entre o *acontecimento* e a imprensa: “O caso Dreyfus teve tudo da imprensa e ela tudo lhe forneceu” (NORA, 1979, p. 182).

Mediada e irremediavelmente coberta pela película da atualidade, a percepção da *mudança* é impactada por essa nova forma de *conhecimento* sobre o *acontecimento*. Nesse sentido, os processos de mudanças econômicas, políticas, culturais, etc. foram, ao longo dos séculos XX e XXI, reconfigurados pela ação dos meios de comunicação de massa, em um processo que pode ser explicado, ao menos em parte, pela mitologia da prática jornalística. Para Sodré (2009), a imprensa, como meio de comunicação preferencial da burguesia, tem sua modernidade “visceralmente ligada às mesmas exigências históricas que presidem ao fenômeno da construção do mundo por meio do discurso esclarecido” (p. 11). Sua legitimidade é fundada no princípio da superioridade da razão discursiva, alimentando o que autor chama de “ideologia da transparência pública”. A imprensa moderna constitui-se, dentro da ética liberal, como porta-voz dos direitos civis e reduto fundamental da liberdade de expressão.

O jornalismo, porém, funda-se em um paradoxo, uma vez que não deixa de lançar mão de recursos mitológicos, como o da “construção de uma narrativa sobre si mesma como entidade mítica que administra a verdade dos fatos sociais, e mais, a retórica encantatória na narração fragmentária sobre a atualidade” (SODRÉ, 2009, p. 12). A mitologia do liberalismo encobre as disputas em torno da atribuição de sentidos que presidem à constituição do discurso jornalístico ao mesmo tempo em que confere à notícia o estatuto de esclarecimento neutro.

É sobretudo a partir do século XX, através da ação dos meios de comunicação de massa, que a *mudança* – ou leitura midiática dessa noção – emerge como um valor preponderante na consciência histórica ocidental:

*O texto de jornal representa basicamente um tipo de intervenção na língua – com os recursos retóricos da clareza e da concisão – afinado com a estrutura ideológica do sistema informativo, cuja forma mais evidente é a presumida transparência da realidade, por meio da evidência noticiosa dos fatos. É, porém, uma presunção que esconde*



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

*as refrações, as distorções e a mística do que se pretende erigir como espelho do real. (SODRÉ, 2009, p. 16).*

Nora (1979) também assinala a dimensão imaginária que a mediação de massas provoca no *acontecimento*: “Na medida em que efetivamente o acontecimento se tornou intimamente ligado à sua expressão, sua significação intelectual, próxima de uma primeira forma de elaboração histórica, esvaziou-se a favor de suas virtualidades emocionais. A realidade propõe, o imaginário dispõe” (p. 184).

Os acontecimentos políticos no Brasil em 1964 mobilizaram e foram mobilizados pelos processos de *midiatização* (SODRÉ, 2002, p. 21):

*[...] uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como um processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de “tecnointeração” –, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada medium.*

Esses processos podem ser percebidos e analisados, no caso em questão, por múltiplos vieses: desde a materialidade da devastação física das sedes de veículos de comunicação (como o empastelamento da redação do jornal *Última Hora* e a tomada das emissoras de rádio que se mantinham ainda fiéis ao presidente João Goulart, como a Nacional e a Mayrink Veiga) até a complexa e multifacetada teia de comunicações que se estabeleceu na cobertura dos eventos que culminaram com a destituição de Goulart da presidência da República. A leitura dos jornais selecionados em nosso recorte dá acesso a essa imbricada relação entre os acontecimentos políticos e sua cobertura midiática, como, por exemplo, na descrição realizada pelo *Jornal do Brasil* da reação, em Belo Horizonte, da “vitória contra Goulart”:

*Uma chuva de papel picado e explosões de centenas de foguetes marcaram, ontem, na Capital de Minas, as comemorações das notícias que anunciavam a queda do Presidente João Goulart, logo*



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

*após a tomada das emissoras que se mantinham fiéis ao Governo na Guanabara.*

*Apesar de não ter havido passeatas, enormes filas de automóveis percorreram as ruas centrais de Belo Horizonte, buzinando e comemorando a vitória anunciada por todas as emissoras de rádio.<sup>4</sup> (grifos nossos).*

Ainda no JB, a coluna *Segunda Seção* do dia 2 de abril de 1964, assinada pelo jornalista Wilson Figueiredo, informa que, enquanto a Rádio Nacional, a Mayrink, a Continental e a Ministério da Educação mantiveram-se no ar, ainda houve condições de negociação de uma trégua entre o governo Goulart e os militares. Ao descrever o clima no Rio de Janeiro, a conexão entre as expressões midiáticas e os humores da cidade fica evidente:

*Houve um momento em que a fisionomia urbana do Rio sofreu grande metamorfose: foi quando a TV Rio entrou no Forte de Copacabana e passou a transmitir as imagens subsequentes a uma ação militar, a primeira que chegava ao conhecimento dos cariocas, dando-lhes a noção de que se rompia o sentimento asfíxiante da situação indefinida. A partir daí, o silêncio que passou a marcar nos aparelhos de rádio o lugar ocupado pela Rádio Nacional e pela Mayrink Veiga deu relevo à certeza de que o rumo dos acontecimentos mudava. As notícias se sucediam, num atropelo que começou na avidez com que eram ouvidas e passadas adiante, para despejar nas ruas de toda a Zona Sul uma multidão que estava acuada dentro de casa, depois da madrugada indormida junto aos aparelhos de rádio e a manhã sem sol, com filas de aflição junto aos postos de gasolina e armazéns fechados pela greve.*

*Antes de ir às ruas, a Zona Sul debruçou-se às janelas. Pedacos de papel lançados do alto e automóveis com buzinas e lenços brancos começaram a quebrar a tensão acumulada noite a dentro e mantida durante o dia pelas estações de rádio, empenhadas em convocações sindicais e estudantis. Nem todos dispõem em casa de rádios capazes de captar as estações de Minas e São Paulo: os transistores tornaram*

---

<sup>4</sup> MINAS recebe com desfile de carros, foguete e chuva de papel vitória contra Goulart. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 abr. 1964, p. 4.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

*os cariocas dependentes das estações mais próximas. Na Guanabara e no Estado do Rio, as emissoras que podiam transmitir notícias estavam todas na faixa da Rede da Legalidade. As outras, censuradas. Quando foram caladas a Nacional e a Mayrink, as notícias se precipitaram atrás dos fatos, até se encontrarem afinal na constatação de que não havia nada a fazer, além da comemoração.<sup>5</sup> (grifos nossos).*

Figueiredo, ao afirmar que as “as notícias se precipitaram atrás dos fatos”, mostra que a consolidação do golpe parece ser favorecida por um jogo no hiato do tempo administrado pelos meios de comunicação e seu recorte temporal e espacial: a realidade, naquele momento, encontrava-se no cruzamento entre o silêncio eloquente da Rede da Legalidade e o barulho das buzinas dos automóveis da Zona Sul do Rio:

*Assim que as rádios começaram a transmitir que o comando do I Exército decidira suspender suas manobras, surgiram nas janelas de edifícios das principais ruas de Copacabana e Leme inúmeras pessoas agitando lenços brancos e jogando papel picado. [...] Em todos os lares, os rádios e televisões se encontravam ligados e a alegria tomou conta de todos quando a TV Rio iniciou a transmissão do manifesto do Governador Carlos Lacerda”<sup>6</sup>.*

Da mesma maneira, a imprensa portuguesa, ao tratar dos acontecimentos políticos em curso no Brasil, também assume a face midiática do golpe. O *Diário de Notícias* de 1º abril de abril de 1964 afirma:

*O Brasil está hoje entregue a uma verdadeira guerra psicológica. Combate-se a golpes de manifestos, comunicados, editoriais e, mais ainda, de notícias falsas. No discurso que pronunciou, a noite passada, Goulart tomou com clareza sem precedentes uma “atitude*

---

<sup>5</sup> FIGUEIREDO, Wilson. Diálogo de Jair e Goulart ao telefone precipitou decisão no Rio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 02 abr. 1964, p. 6.

<sup>6</sup> ZONA Sul festejou com lenço branco e desfile de carros queda de Goulart. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 02 abr. 1964, p. 7.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

*de esquerda”, pensam os observadores. Com exceção de “Última Hora”, órgão trabalhista, todos os jornais condenam hoje a atitude de Goulart.<sup>7</sup>*

É possível perceber, ainda, através da análise de nosso recorte, a formação de uma complexa rede de citações entre veículos de comunicação nacionais e estrangeiros, demonstrando a importância das análises externas (especialmente as repercussões nos Estados Unidos e Europa) sobre os rumos da política nacional. Assim, vemos que, como afirma Nora (1978, p. 186), a informação, ao menos a partir de fins do século XIX, encontra-se “esquartejada entre o real e a sua projeção espetacular”, constituindo os meios de comunicação, através da composição de um *ethos midiático* (SODRÉ, 2002), parte da própria existência dos acontecimentos.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, pp. 179-193.

NORA, Pierre. Monster events. *Discourse*. v.5, primavera de 1983, pp. 5-20.

SILVA, Juremir Machado da. *O que pesquisar quer dizer*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SODRÉ, Muniz. *A antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. A interação humana atravessada pela mídia. Entrevistador: Graziela Wolfart. *IHU On-line: Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Ed. 289, 13 de abril de 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2DcUITN>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

---

<sup>7</sup> OS ATOS de indisciplina a que assistimos constituem grave ameaça ao futuro das instituições democráticas. *Diário de Notícias*. Lisboa, 1 abr. 1964, p. 7.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato*. Petrópolis: Vozes, 2009.